**Macroprojeto**: Conexões de Saberes e Práticas na Promoção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis frente à Pandemia da Covid 19: Ações de Educação Permanente, Educação Popular, Vigilância, Segurança Alimentar, Promoção da Participação, Controle Social e Equidade em Saúde.

Apoio: Emenda Parlamentar

**Meta 3:**

**Projeto Paulo Freire:** Fortalecendo a territorialidade, tecendo uma rede de movimentos, saberes e práticas de Educação Popular em Saúde no Distrito Federal.

**ROTEIRO PARA CONSTRUÇÃO DO RELATÓRIO DAS OFICINAS**

**Nome do Movimento que realizou a oficina: Movimento Pró-Saúde Mental do DF**

**Nome do Coordenador Geral: Gabriela Chaves; Andressa França**

**Nome dos Coordenadores Adjuntos:\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**Tema:** Ensaiando práticas antirracistas na rede de atenção psicossocial

**Data:**04/02/2024

**Local:** Centro de Atenção Psicossocial – CAPS 3 Samambaia

**Carga Horária:** 4 horas

**Qual Serviço de Saúde local participou da Oficina:** Upa Samambaia, UBS 11 Samambaia, Caps 3 Samambaia.

**Número de participantes:** 22 participantes

**Descrever o público participante da Oficina (Exemplo: crianças, jovens, idosos, população em situação de rua, profissionais do sexo, população em geral etc.)**

O público que participou e foi mobilizado para oficina teve um caráter misto, contemplando integrantes demovimentos sociais, estudantes, comunidades, profissionais, familiares, ativistas, militantes, trabalhadores da saúde mental, residentes multiprofissional de saúde e usuários da saúde mental frequentadores do CAPS 3 Samambaia que encontravam-se no acolhimento integral do serviço substituvo que foi o local da oficina. Esse público-alvo foi mobilizado via redes sociais, grupos de whatsapp, de forma oral/ falada, com o intuito de popularizar a informação.

**Descrever as atividades realizadas na Oficina:** No processo de construção da oficina foi abordado, juntos aos participantes, como os processos históricos construídos socioculturalmente no Brasil, pelos meios sistémicos, simbólicos, materiais, culturais e políticos constroem adoecimento/ sofrimento mental tendo como ponto central o racismo estrutural.

Abarcou de maneira horizontalizada as múltiplas maneiras cotidianas que o racismo se torna operador de sofrimento mental na pessoa racializada, considerando a formação social brasileira e a estruturação das relações étnico-raciais no Brasil. Além de problematizar como deve tornar-se responsabilidade coletiva, a partir de uma noção de sua determinação no processo saúde-doença, numa perspectiva de atenção biopsicossocial. Foi realizado um compartilhamento de práticas de cuidado coletiva que contribuem com uma clínica da delicadeza e do aquilombamento. Visando o sujeito- existência-contexto-identidade em sua mais radicalizada emancipação, por meio da discussão de um caso concreto, que buscou debater conceitos importantes como racismo estrutural, racismo institucional, individual, simbólico, etc. Para iniciar os processos provocativos e reflexivos juntos os participantes e realizar uma intervenção no serviço/comunidade com a intensão de registrar sobre o tema de maneira lúdica e política, apresentou-se um “Mural interventivo” no pátio na entrada da oficina com frases   
ex: “você não é negra, é moreninha”, que visem repensar outras formas de linguagem.

No processo de construção da oficina foi apresentada a Performance – O FOME gerado, Racismo, Institucionalização e Genocídio Negro, cuja a temática versava sobre o genocídio da população negra e os diversas necropolíticas que interrompem as jornadas de vidas negras, por meio de cartas de homens, mulheres, jovens e crianças negras que foram assassinadas, violentadas, mortas e silenciadas, para aproximar os participantes da oficina com o dado estrutural de os corpos negros são os corpos mais passiveis as diversas violências e negligências. Para iniciar o momento colaborativo e participativo, a fim de responder a pergunta de partida de reflexão coletiva para o conjunto dos participantes, cujo tema versava sobre a seguinte questão: “por que o racismo estrutural é produtor de adoecimento/ sofrimento mental?”, houve a proposição da “Dinâmica das Notícias”.  Foi organizada uma divisão em grupos com no máximo 3 a 4 pessoas e foram entregues em cada grupo notícias de textos disparadoras de reflexões sobre a realidade da população negra no brasil, com o objetivo do grupo retirar uma síntese e apresentação na grande roda, com temas sobres: juventude negra, masculinidade, cuidado, empregabilidade, autoestima, racismo, injuria, violência, trauma, sofrimento advindos do racismo e etc.

Após o compartilhamento da dinâmica coletiva, os participantes conseguiram escrever nos cartazes dispostos as matrizes estruturantes dos fatores que estão mais presentes no processo de sofrimento mental da população negra e como isso reverbera-se nas realidades que se apresentam nos serviços. Compreendendo que o objetivo é versar sobre como o racismo é um elemento estruturador de sofrimento mental nas pessoas racializadas, foi elaborado um estudo de caso coletivo, baseado em caso hipotético que tinha como preposição apontar as expressões do racismo na vida do indivíduo e partilhar práticas de cuidado coletivas: - Como é possível cuidar e ser cuidado em uma perspectiva antirracista?

* Estudo de caso: “são reais as vozes que me definem?” era baseado na história de Carmem, Carmen, uma mulher de 37 anos, natural de Brasília, com pele preta retinta e cabelos naturalmente crespos, o qual alisa rigorosamente todo mês. Mora em uma casa alugada na cidade do Sol Nascente, etc. Após a leitura coletiva do caso, a ideia era estimular que os participantes pensassem coletivamente possibilidades de cuidado para Carmem, de forma transversalizada, e responder de forma dialogada às seguintes preposições: 1. Quais determinantes sociais da saúde são possíveis identificar no caso? 2. É possível dizer que a vida de Carmen foi marcada pelo racismo? 3. Onde podemos identificar isso? 4. Que tipo de racismo é possível identificar no caso relatado? (individual, institucional, estrutural) 5. Quais intervenções seriam necessárias para prevenir e/ou intervir nas situações de racismo interpessoal, institucional e no racismo estrutural que marcaram a vida de Carmen, no âmbito das políticas públicas? 6. Como é possível identificar o racismo como produtor de adoecimento psíquico nesse caso? 7. Em relação às intervenções no serviço de saúde mental, que tipo de ações poderiam ser tomadas para promover saúde mental na vida de Carmen?

Ao final, os participantes realizaram uma avaliação da oficina. e Entre as sugestões, apontaram a necessidade em realizar mais oficinas populares com essas temáticas, ampliar e alcançar mais públicos e territórios, versar sobre maneiras de abordar o tema que não seja pela ótica academicista. Além de muitos destaques para a grande oportunidade de aprendizado que a oficina apresentou.

**Oficina: EnsaindoEnsaiando práticas antirracistas na RAPS**

**PROGRAMAÇÃO**

**13:h30 – Abertura da oficina**

**13h30 – Apresentação dos oficineiros e menção da ementa propositiva da oficina**

**13:40 – Apresentação dos participantes e dinâmica de apresentação**

**14h00 – Performance – O FOME gerado, Racismo, Institucionalização e Genocídio**

**Negro**

**14h 30 – Fechamento**

**14h40 – 1ª Dinâmica das notícias**

**14h40 – Separação dos grupos, explicação da dinâmica**

**14h40 – Leitura e debate em grupo**

**15 h10 – Socialização dos grupos**

**16 h 10 – Lanche**

**16 h 30 – Clínica do cuidado e estudo de caso**

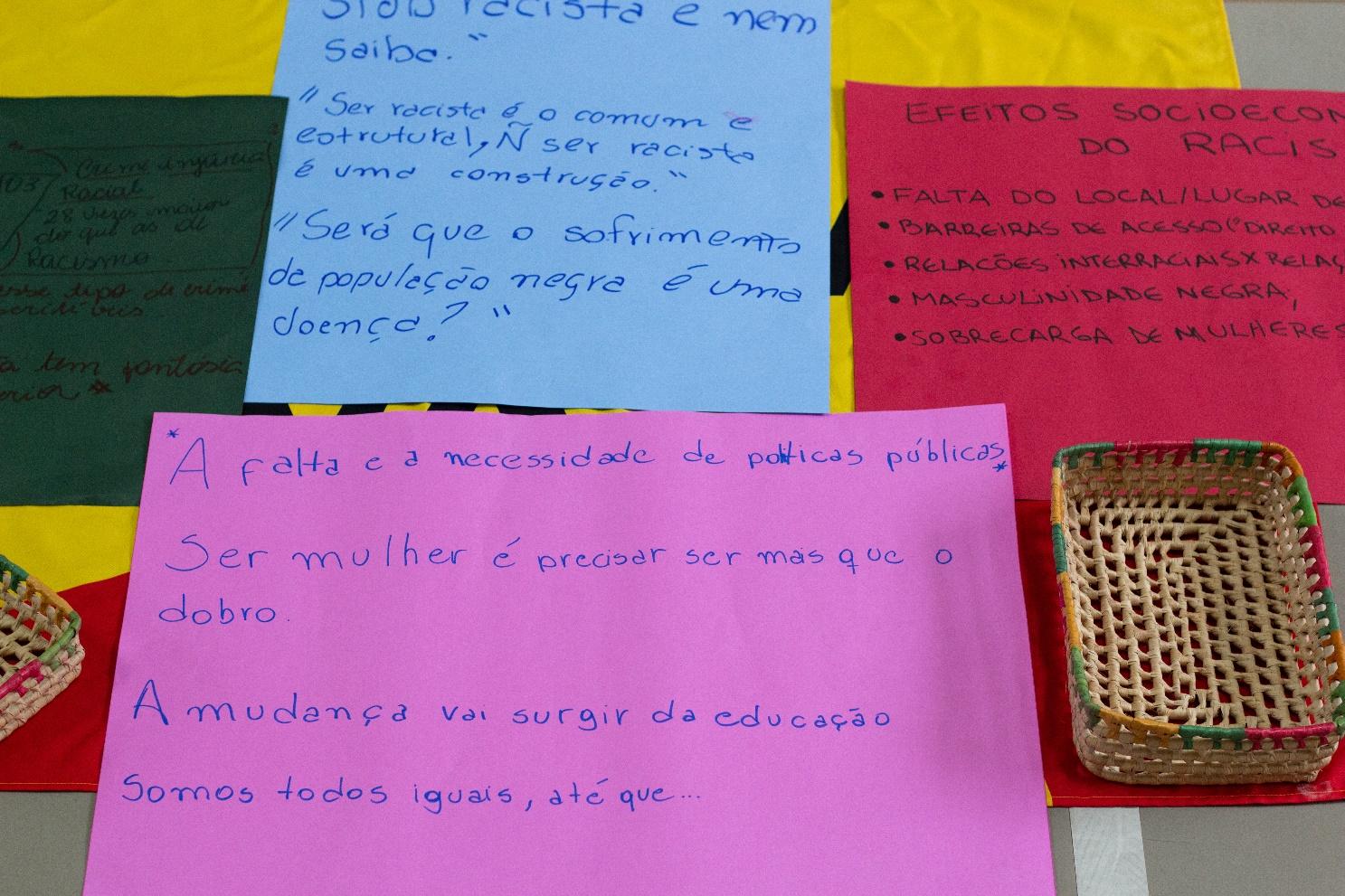
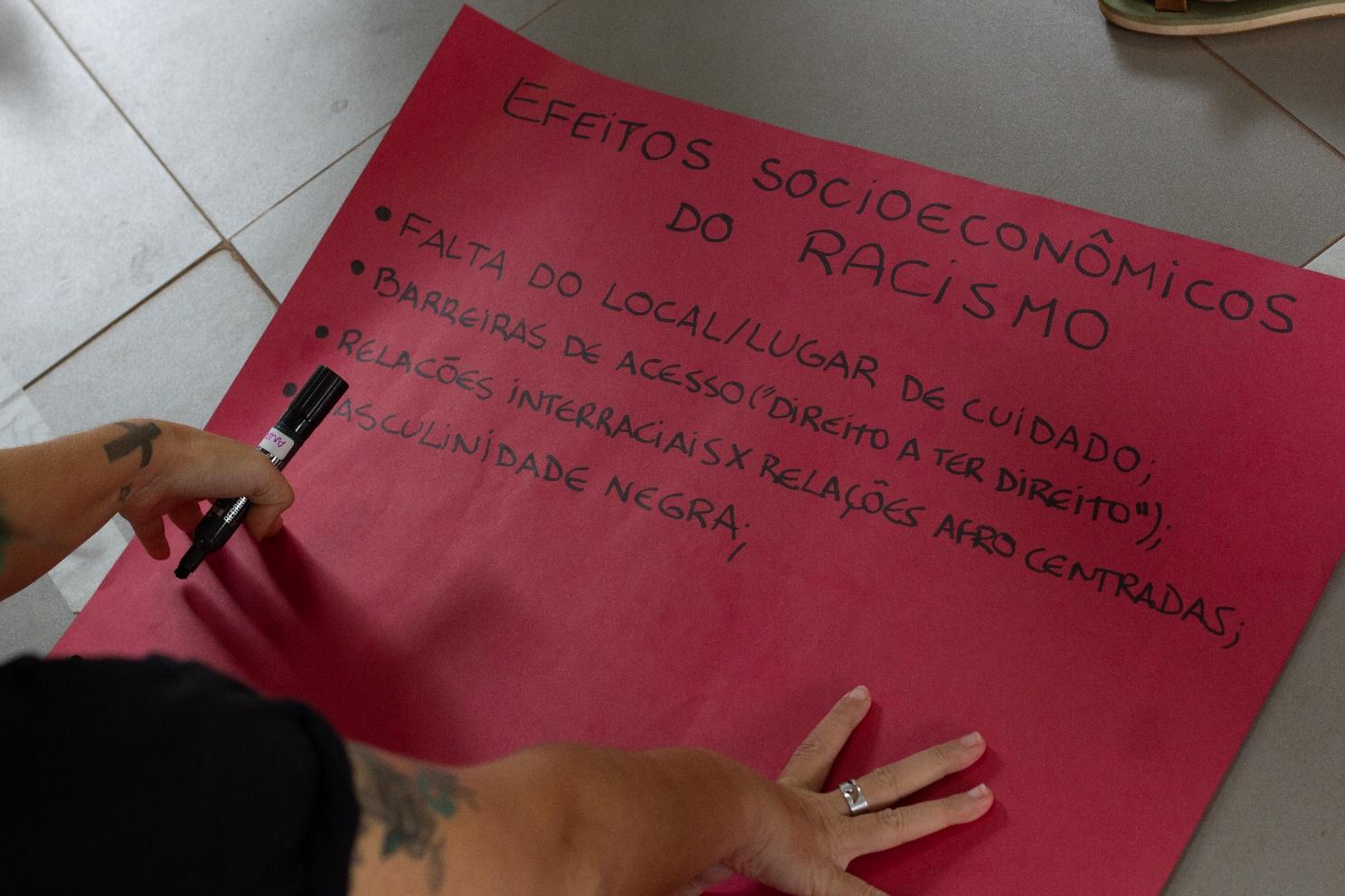
**17h 40 – Fechamento das intervenções coletivas**

**18h 00 – Roda das intenções**

**18h 15 – Avaliação**

**18h30 – Finalização**

**REGISTROS FOTOGRÁFICOS**

****